

# humanitas

Vol. L - Vol. I


IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

VOL. L • TOMO I  
MCMXCVIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA  
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



## SÓLON E EUMOLPO: A DEGRADAÇÃO DO MODELO\*

DELFIN LEÃO  
Universidade de Coimbra

Na parte conservada do *Satyricon*, o grande episódio que sobressai, a ponto de lhe serem dedicadas edições independentes, é a *Cena Trimalchionis*. A *Cena* deve o seu nome à pessoa que oferece o banquete, aspecto que denota claramente a importância que nele detém aquela personagem. De facto, Trimalquião constitui uma das grandes criações petronianas, realidade bem espelhada pela forma como tem captado a atenção dos estudiosos da obra. Perante a exuberância da sua presença, Encólpio, o narrador, cujas aventuras fornecem o fio condutor do romance, permanece num plano secundário, juntamente com os outros *scholastici* que o novo-rico convidou para abrilhantarem o serão. O único rival à altura da curiosidade despertada por Trimalquião vai encontrar-se, em nosso entender, apenas em Eumolpo, o velho poeta contador de histórias. Apesar de serem equiparáveis em interesse, estas personagens divergem muito entre si. O liberto, herdeiro de um carácter eminentemente prático e sem grandes capacidades eruditas, é um exemplo vivo de realização a nível económico, que se reflecte na projecção social e mesmo política. Eumolpo situa-se no extremo oposto; deve identificar-se com o grupo dos intelectuais, partilhando com estes a vagabundagem e o parasitismo existencial, embora se lhe não possa apontar a ingenuidade dos jovens *scholastici*, sobretudo de Encólpio. De resto, a consciência cristalizada do jogo que alimenta os interesses mundanos é um dos

---

\* Ao Doutor Walter de Medeiros agradeço, uma vez mais, os reparos e sugestões que fez a respeito de uma primeira versão deste estudo. Erros que permaneçam são da nossa inteira responsabilidade.

poucos traços que permitem aproximar Eumolpo de Trimalquião. Não teria sido impossível a Petrónio juntá-los em algum momento do romance, nem rigorosamente sabemos se de facto o fez. Porém, a intensidade que deles irradia é mais favorável à ideia de que nunca se tenham encontrado. Quando a voz enrolada e tirânica de Trimalquião deixa de se ouvir, aparece a fluência histrionica e incontinente de Eumolpo para revitalizar o interesse da narrativa e preparar o terreno para novas aventuras.

Uma abordagem que tem conhecido certa fortuna entre os estudiosos do *Satyricon* prende-se com a tentativa de identificar nestas personagens os traços da paródia ou caricatura deliberada a alguma das figuras contemporâneas de Petrónio (caso de Séneca e de Nero) ou de personalidades pertencentes ao património cultural greco-romano, como acontece com Sócrates<sup>1</sup>. De maneira geral, essas leituras são defensáveis<sup>2</sup>, e permitem mesmo ilustrar a polissemia desta obra sofisticada, resultante dos vários níveis de compreensão que faculta. Mas torna-se necessário evitar atribuir a tais interpretações uma validade excessiva, pois tanto Trimalquião como Eumolpo possuem uma vida própria, mais ampla e colorida, no universo recriado pelo romance.

Estas considerações iniciais prendem-se com o estudo que apresentamos nas páginas seguintes e que incidirá essencialmente sobre a figura de Eumolpo. Nas várias leituras em chave paródica adiantadas pelos críticos petronianos, nunca o ‘Bom Cantor’ foi analisado enquanto degradação caricatural do poeta e legislador ateniense Sólon<sup>3</sup>. E se agora nos propomos fazê-lo, será com as reservas que há pouco enunciávamos.

<sup>1</sup> Cf. WALSH, P.G., “Eumolpus, the *Halosis Troiae*, and the *De bello ciuili*”, *CPh* 63 (1968) 208-212; ROSE, K.F.C., *The date and author of the Satyricon* (Leiden, 1971) 75-86; SULLIVAN, J.P., *Il Satyricon di Petronio. Uno studio letterario* (trad. it., Firenze, 1977) 182-185; SOVERINI, Paolo, “Il problema delle teorie retoriche e poetiche di Petronio”, *ANRW* II.3 (1985) 1706-1779, esp. 1738-41 e 1759-71; DIMUNDO, Rosalba, “Da Socrate a Eumolpo. Degradazione dei personaggi e delle funzioni nella novella del fanciullo di Pergamo”, *MD* 10-11 (1983) 255-265; SOMMARIVA, Grazia, “Eumolpo, un ‘Socrate epicureo’ nel *Satyricon*”, *ASNP* 14 (1984) 25-53.

<sup>2</sup> Um dos casos em relação ao qual mostramos o nosso desacordo prende-se com a proposta de que Eumolpo constituiu uma caricatura do autor dos *Punica*, Sílio Itálico. Esta hipótese é aventada num trabalho que também deve ser lido com sérias reservas a nível da cronologia petroniana sugerida: MARTIN, René, “Quelques remarques concernant la date du *Satyricon*”, *REL* 53 (1975) 182-224, esp. 223-224.

<sup>3</sup> De facto, se já existe uma abordagem de Eumolpo nesses moldes, desconhecemos tal tratamento. Algumas das ideias que vamos agora desenvolver já foram por nós propostas, de forma embrionária, no livro *As ironias da Fortuna. Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*, cap. 3 “Preceptores e alunos”, a editar brevemente.

Não existem, no *Satyricon*, referências directas a Sólon, como acontece, por exemplo, com Sócrates<sup>4</sup>, a não ser uma alusão a Demóstenes, cuja origem poderá radicar num dito do legislador. Referimo-nos ao poema improvisado com que Agamémnon se propõe condensar, perante Encólpio, as suas ideias sobre a educação retórica. Em determinada altura, afirma: *et ingentis quatiat Demosthenis arma*<sup>5</sup>. A expressão *arma Demosthenis* já se encontra em Propércio<sup>6</sup> e refere-se às capacidades do uso da palavra, que constitui a melhor arma. Além de aparecer ligada, portanto, a Demóstenes e mesmo a Sócrates, uma sentença de valor semelhante é colocada por Diógenes Laércio na dependência de Sólon<sup>7</sup>. Apesar de este passo do *Satyricon* figurar em recolhas dos testemunhos antigos relativos a Sólon, não nos parece que Petrónio tivesse conhecimento da ligação implícita com o legislador. Sendo assim, para encontrarmos matéria que justifique a abordagem proposta, haverá necessidade de avançar, como ponto de partida, para um plano mais abrangente e considerar com particular atenção os traços da personalidade de Eumolpo que o aproximam da figura do sábio ateniense.

É bem conhecida a identificação de Sólon com o conjunto dos Sete Sábios. Se bem que este grupo seja referido pela primeira vez apenas em Platão<sup>8</sup>, Sólon já aparece na qualidade de sábio em Heródoto, que é o seu testemunho mais antigo, ao tecer considerações sobre a felicidade humana na famosa entrevista com Creso, que adiante retomaremos. Se bem que a lista dos nomes que integram o conjunto dos sábios conheça algumas variações, o de Sólon comparece em todas as referências<sup>9</sup>. O número de sábios tendeu, igualmente, a fixar-se em sete, facto a que não será alheia a propaganda délfica, pois o aniversário de Apolo era celebrado precisamente nesse dia (sete do mês de *Byzios*, em fevereiro-março)<sup>10</sup> e é notória a ligação do colégio com o oráculo

<sup>4</sup> Cf. *Sat.* 5. v. 13; 128.7; 140.14.

<sup>5</sup> Cap. 5, v. 14: 'e agite as armas do poderoso Demóstenes'. Nas citações do *Satyricon*, usa-se o texto de MÜLLER, Konrad (München, 1995).

<sup>6</sup> 3.21.27.

<sup>7</sup> 1.58: "Ἐλεγε δὲ τὸν μὲν λόγον εἰδωλον εἶναι τῶν ἔργων. 'Afirma que a palavra é o espelho das acções'. Cf. MARTINA, Antonio, *Solone* (Roma, 1968), onde é identificado com o testemunho 165.

<sup>8</sup> Cf. *Prt.* 343a.

<sup>9</sup> Os outros nomes comuns são Tales, Bias e Pítaco.

<sup>10</sup> Vide ROUX, Georges, *Delphes. Son oracle et ses dieux* (Paris, 1976) 71-72. Por essa razão, os oráculos seriam ministrados, inicialmente, apenas nesse dia; alargou-se, mais tarde, o período de consulta, de forma a atender à maior afluência provocada pela fama do santuário, sobretudo depois das guerras medo-persas. Não é improvável, também, a existência de uma ligação com o

de Delfos<sup>11</sup>. Vamos procurar ver de que maneira estes dados podem ser pertinentes para o caso de Eumolpo.

Começemos por lembrar a forma como Petrónio o introduz na narrativa. Eumolpo aparece quando Encólpio está de visita a uma pinacoteca, magoado pela partida de Gíton em companhia de Ascilto e com a agravante de não ter conseguido o bálsamo da vingança. Estava ele ocupado na contemplação das pinturas, quando certa figura encanecida que acabava de entrar no local capta, de imediato, a sua atenção (83.7):

*Ecce autem, ego dum cum uentis litigo, intrauit pinacothecam senex canus, exercitati uultus et qui uideretur nescio quid magnum promittere, sed cultu non proinde speciosus, ut facile appareret eum <ex> hac nota litteratorum esse, quos odisse diuites solent.*

Vai senão quando, ainda eu barafustava com os ventos, vejo entrar na pinacoteca um ancião de cabelo branco. Tinha o rosto atormentado e parecia anunciar não sei que grandezas, apesar do seu traje bem pouco brilhante. Por estes indícios claros, tinha todo o ar de ser um desses cultores das letras, que, regra geral, não gozam do favor dos ricos.

O jovem não conhece ainda o *senex canus* que chegava e já o impressiona o aspecto venerando, eventual indício de uma personalidade de excepção, sobretudo quando aliado a um evidente desprezo da riqueza material. Em tudo a imagem inicial de Eumolpo quadra com o perfil do sábio, alguém que se movimentava numa atmosfera superior de interesses, que o homem comum geralmente não compreende nem partilha. Esta ideia é, em larga medida, tradicional, como a grande maioria das posições éticas e doutrinárias expressas ao longo do *Satyricon*, mas nutre-se do exemplo secular de figuras como Sólon. Bastará recordar a famosa entrevista entre o legislador e Crespo, de historicidade mais que duvidosa, mas que já conheceria, certamente, uma tradição oral ante-

---

Oriente Próximo, pois já no poema de Gilgamesch da antiga Babilónia, se refere um grupo de sete homens sábios que prestaram auxílio na construção das muralhas da cidade. Cf. OLIVA, Pavel, *Solon — Legende und Wirklichkeit* (Konstanz, 1988) 15-16.

<sup>11</sup> Sobre as máximas inscritas no átrio do templo de Apolo falaremos mais à frente. Quando usamos o termo 'colégio' não o fazemos no sentido de instituição académica formal, mas como simples equivalente de 'grupo' ou 'conjunto'.

rior ao tratamento literário de Heródoto. Apesar de os autores antigos sentirem como nós as dificuldades cronológicas do encontro, não resistiram a repeti-lo, exactamente por causa da elevada mensagem moral do relato<sup>12</sup>. Depois de franquear os seus tesouros ao visitante ateniense, Creso questiona-o sobre quem seria, em sua opinião, o mais feliz dos homens (ὀλβιώτατος). O termo usado pelo monarca lídio é superlativo de ὀλβιος, cuja utilização (como a de ὀλβος) em Homero, Hesíodo e poetas da Época Arcaica em geral, remete para o domínio da riqueza material<sup>13</sup>. Era, portanto, legítima a expectativa que Creso alimentava de ocupar o primeiro posto nessa escala de valores. No entanto, Sólon não se deixa impressionar pelo poder do autocrata e dá-lhe o exemplo de Telo de Atenas e dos jovens Cléobis e Bítton, que tiveram uma existência moderadamente feliz, mas iluminada por um fim de vida glorioso. Sólon propõe-lhe, assim, uma redefinição do conceito de felicidade, onde há necessidade de contar com uma divindade invejosa dos sucessos humanos e que, portanto, é a causadora da instabilidade dos seus projectos (1.32.5-9):<sup>14</sup>

ὦ Κροῖσε, ἐπιστάμενόν με τὸ θεῖον πᾶν ἐὼν φθονερόν τε καὶ παραχῶδες ἐπειρωτῆις ἀνθρωποπητίων πρηγμάτων πέρι. Ἐν γὰρ τῷι μακρῷ χρόνῳι πολλὰ μὲν ἔστι ἰδεῖν, τὰ μὴ τις ἐθέλει, πολλὰ δὲ καὶ παθεῖν. [...] Ἐμοὶ δὲ σὺ καὶ πλουτέειν μέγα φαίνεαι καὶ βασιλεὺς πολλῶν εἶναι ἀνθρώπων· ἐκεῖνο δὲ τὸ εἶρέο με οὐ κῶ σε ἐγὼ λέγω, πρὶν τελευτήσαντα καλῶς τὸν αἰῶνα πύθωμαι. Οὐ γάρ τι ὁ μέγα πλούσιος μᾶλλον τοῦ ἐπ' ἡμέρην ἔχοντος ὀλβιώτερός ἐστι, εἰ μὴ οἱ τύχη ἐπίσποιτο πάντα καλὰ ἔχοντα εἴ τελευτῆσαι τὸν βίον. [...] Πρὶν δ' ἂν τελευτήσηι, ἐπισχεῖν μηδὲ καλέειν κῶ ὀλβιον, ἀλλ' εὐτυχέα. [...] Πολλοῖσι γὰρ δὴ ὑποδέξας ὀλβον ὁ θεὸς προρρίζους ἀνέτρεψε.

Ó Creso, tu questionas-me sobre assuntos humanos e eu sei é que a divindade é toda inveja e perturbação. Realmente, no longo decurso do tempo, temos o ensejo de ver muitas coisas sem vontade e outras

<sup>12</sup> Cf. as observações de Plutarco, *Sol.* 27.1.

<sup>13</sup> Vide CHIASSON, Charles C., "The Herodotean Solon", *GRBS* 27 (1986) 249-262, p. 250.

<sup>14</sup> As citações de Heródoto provêm da edição oxoniense de HUDE, C., *Herodoti Historiae*, I-II (Oxford, 3<sup>a</sup> 1927).

tantas sofrer. [...] De facto, pareces-me assaz rico e senhor de muitos homens; quanto ao que me perguntavas, não to posso dizer por ora, antes de saber se terminaste bem a vida. Em boa verdade, o dono de grandes fortunas não é mais feliz do que o que possui apenas para o dia-a-dia, se não tiver a sorte de, gozando dessas posses, terminar bem a vida. [...] Antes de atingir o termo, aguarda e não o chames feliz, mas apenas afortunado. [...] De facto, a muitos acenou o deus com a felicidade, para depois os abater pela raiz.

Um passo como este permite reconsiderar e explicar boa parte da narrativa do *Satyricon*. Antes de mais, Heródoto, ao referir-se aos deuses, usa de preferência uma designação genérica (ὁ θεός, τὸ θεῖον), cuja acção niveladora se presta a caprichos e a irritações (τὸ θεῖον πᾶν ἐὼν φθονερόν τε καὶ παραχῶδες), que tantas vezes contrariam as expectativas criadas pelo homem (πολλὰ μὲν ἔστι ἰδεῖν, τὰ μὴ τις ἐθέλει, πολλὰ δὲ καὶ παθεῖν). E há ainda que contar com a actuação complementar da Sorte (εἰ μὴ οἱ τύχη ἐπίσποιτο), que acentua ainda mais a insegurança dos assuntos humanos. A Τύχη equivale ao conceito latino de *Fortuna* e, no *Satyricon*, é especialmente esta potência de contornos vagos que condiciona a vida das personagens<sup>15</sup>. A sua forma de agir parece caótica, acrítica e motivada, em última análise, pelo mesmo φθόνος que nos aparece nas *Histórias* de Heródoto. É com uma consciência equivalente à de Sólon, no que se refere à mutabilidade do humor divino, que Eumolpo, no *Bellum ciuile*, coloca Plutão a tecer este juízo, no momento em que se prepara o início da guerra civil: *Rerum humanarum diuinarumque potestas, / Fors, cui nulla placet nimium secura potestas, / quae noua semper amas et mox possessa relinquis*<sup>16</sup>. As circunstâncias da morte de Licas ilustram claramente o princípio de que ninguém pode dizer-se feliz antes de se conhecer o termo da sua vida. As reflexões de Encólpio (115.12-19), ao

---

<sup>15</sup> Não aprofundaremos aqui este aspecto, que já tratámos com mais pormenor no cap. 6 da monografia a que anteriormente aludimos. Quando ao papel da *Tyche* como factor determinante da vida humana em Heródoto, vide MYRES, John L., *Herodotus, father of history* (Oxford, 1953, reimp. 1966) 48-49.

<sup>16</sup> *Sat.* 120, vv. 79-81: 'Senhora das coisas humanas e divinas, / Fortuna, a quem não agrada nenhum poder seguro em demasia, / que sempre buscas com ardor a novidade e a abandonas, mal a consegues possuir.' Ao longo do romance, a *Fortuna* aparece mencionada directamente cerca de três dezenas de vezes, sendo ela a responsável pelas grandes e inesperadas mudanças que vão ocorrendo.



ver prostrado, a seus pés, o homem que, pouco antes, a todos fazia tremer, exprimem o mesmo sentimento trágico que as palavras de Sólon ao monarca lídio.

Eumolpo apresenta-se a Encólpio como poeta e explica os andrajos com que se cobre como consequência natural dessa opção artística: *amor ingenii neminem umquam diuitem fecit*<sup>17</sup>. Sólon partilha com ele o lugar privilegiado dos letrados, acrescido da honra de ser o primeiro poeta ateniense. Embora uma parte da sua obra se tenha perdido, ela era bem conhecida, como provam as frequentes citações nos *testimonia* e o facto de ser estudada nas escolas<sup>18</sup>. Contudo, o mesmo não se poderá dizer de Eumolpo, para quem o aplauso dos contemporâneos consistia, geralmente, em saraivadas de pedras<sup>19</sup>. Logo a seguir à primeira experiência de recitação pública que presenciou, também Encólpio estranhou aquela vontade irreprímível do Bom Cantor em prodigalizar os frutos da sua inspiração poética<sup>20</sup>. Na sua reprimenda, Encólpio acaba por chamar a atenção para o facto de que o dizer poético (*poetice*) faz uso de um registo diferente daquele utilizado no discurso normal (*humane*). Por outro lado, o facto de o jovem classificar a prática de Eumolpo como uma doença (*cum isto morbo*) reveste-se de maior complexidade do que pareceria à primeira vista. A interpretação mais linear prende-se com a crítica implícita à ἀπρέπεια ou inconveniência de forçar os outros a escutar a recitação, por esta ser feita num lugar público. No entanto, este *morbis* também poderá ser aproximado do estado de alienação característico de um momento determinante da produção poética: a inspiração<sup>21</sup>. No *Satyricon*, durante o naufrágio do barco de Licas, temos o privilégio de assistir à génese do poema sobre a guerra civil, criação de Eumolpo, que é descrita nestes termos: *audimus murmur insolitum et sub diaeta magistri quasi cupientis exire beluae gemitum. Persecuti igitur sonum inuenimus*

<sup>17</sup> *Sat.* 83.9: ‘o amor à arte nunca enriqueceu ninguém’.

<sup>18</sup> Vide Platão, *Ti.*, 21b.

<sup>19</sup> Cf. *Sat.* 90.1. e ainda 92.6.

<sup>20</sup> *Sat.* 90.3: *Quid tibi vis cum isto morbo? Minus quam duabus horis mecum moraris, et saepius poetice quam humane locutus es.* ‘Aonde queres chegar com essa mania? Há menos de duas horas que vives comigo e já mais vezes falaste na linguagem dos poetas que na dos homens.’

<sup>21</sup> Não vamos entrar aqui na complexa questão da génese e evolução deste conceito, mas, para uma introdução ao tema, veja-se MURRAY, Penelope, “Poetic inspiration in early Greece”, *JHS* 101 (1981) 87-100; DODDS, E.R., *The Greeks and the irrational*, trad. port. *Os Gregos e o irracional* (Lisboa, 1988), cap. III. “As bênçãos da loucura”; RUSSELL, D.A., *Criticism in Antiquity* (Bristol, 21995), cap. V. “The poet and his inspiration”.

*Eumolpum sedentem membranaeque ingenti uersus ingerentem.*<sup>22</sup> Os sintomas de Eumolpo permitem emitir um diagnóstico seguro: *furor poeticus*. Dominado por ele, o ancião troca a prosódia humana por uma articulação fonética semelhante ao rugido de um animal encurralado. A *belua* é a própria poesia que brota directamente do espírito de Eumolpo para o suporte material (*membranaeque ingenti*), que a recolhe sem a aprisionar, pois ela recupera a liberdade cada vez que é lida ou recitada, como Eumolpo em breve fará. As palavras seguintes de Encólpio ajudam a completar o quadro e mostram como, naquele momento, Eumolpo, indiferente ao perigo de morte, se encontra num estado de alienação próximo da loucura: *inicio ego phrenetico manum iubeoque Gitona accedere et in terram trahere poetam mugientem*<sup>23</sup>. Resulta destas observações que a poesia tem uma natureza intrinsecamente distinta daquela que caracteriza o discurso quotidiano; que o acto de criação ronda, pelo transe que provoca, o limiar da loucura; por último, que a própria verbalização do poema, enquanto actualização desse processo e libertação das energias contidas no carne, pode assumir também contornos obsessivos e de alienação. Apesar disso, Eumolpo não goza, junto do público e companheiros, nem de apreço nem de compreensão. De resto, não serão alheios ao seu caso certas motivações satíricas da parte de Petrónio, quer em relação aos poetas incontinentes, quer à desfaçatez dos potenciais ouvintes.

Em Sólon, também podemos encontrar o paralelo de um problema semelhante, ligado ao episódio de importância vital para a vida da pólis ateniense que foi a conquista da estratégica ilha de Salamina<sup>24</sup>. Recordemos, então, parte do testemunho de Plutarco que, apesar dos mais tardios, tem a vantagem de ser bastante completo e de ilustrar o conhecimento que de Sólon havia no tempo de Petrónio (já que Plutarco ainda pode ter sido contemporâneo do *Arbiter*)<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> *Sat.* 115.1-2: 'Ouvimos um estranho murmúrio e, sob a cabine do piloto, um grunhido parecido com o de uma fera em busca da saída. Seguimos, portanto, o ruído e demos de caras com Eumolpo que, sentado, alinhava versos num monumental pergaminho.'

<sup>23</sup> *Sat.* 115.5: 'Deito a mão ao louco e digo a Gíton que se aproxime a fim de arrastarmos para terra o poeta rugidor.'

<sup>24</sup> Uma vez mais, em nome da economia expositiva, deixaremos de lado a complexa questão das várias fases desse conflito e do papel que nele teriam tanto Sólon como, eventualmente, Pisístrato. Deste assunto, ancilar para os objectivos do presente estudo, nos ocuparemos em outro trabalho, dedicado exclusivamente à figura de Sólon.

<sup>25</sup> *Sol.* 8.1-2. Usa-se o texto de ZIEGLER, K., *Plutarchi Vitae parallelae* (Leipzig, 1960). Para um panorama das outras fontes antigas relativas ao *dossier* Salamina, vide MARTINA (1968) 122-130.

Ἐπεὶ δὲ μακρὸν τινα καὶ δυσχερῆ πόλεμον οἱ ἐν ἄστει περὶ τῆς Σαλαμινίων νήσου Μεγαρεῦσι πολεμοῦντες ἐξέκαμον, καὶ νόμον ἔθεντο μήτε γράψαι τινὰ μήτ' εἰπεῖν αὐθις ὡς χρῆ τὴν πόλιν ἀντιποιεῖσθαι τῆς Σαλαμῖνος, ἢ θανάτῳ ζημιοῦσθαι, βαρέως φέρων τὴν ἀδοξίαν ὁ Σόλων, καὶ τῶν νέων ὀρῶν πολλοὺς δεομένους ἀρχῆς ἐπὶ τὸν πόλεμον, αὐτοὺς δὲ μὴ θαρροῦντας ἄρξασθαι διὰ τὸν νόμον, ἐσκήψατο μὲν ἔκστασιν τῶν λογισμῶν, καὶ λόγος εἰς τὴν πόλιν ἐκ τῆς οἰκίας διεδόθη παρακινήτικῶς ἔχειν αὐτόν· ἐλεγεία δὲ κρύφα συνθεῖς καὶ μελετήσας ὥστε λέγειν ἀπὸ στόματος, ἐξεπήδησεν εἰς τὴν ἀγορὰν ἄφνω, πιλίδιον περιθέμενος. Ὅχλου δὲ πολλοῦ συνδραμόντος, ἀναβάς ἐπὶ τὸν τοῦ κήρυκος λίθον, ἐν ᾧιδῆι διεξῆλθε τὴν ἐλεγείαν ἧς ἐστὶν ἀρχή·

Αὐτὸς κῆρυξ ἦλθον ἀφ' ἡμερτῆς Σαλαμῖνος,  
κόσμον ἐπέων ᾧιδῆν ἀντ' ἀγορῆς θέμενος.

Ora quando os Atenenses se cansaram de alimentar uma guerra morosa e desgastante contra os Megarenses por causa da ilha de Salamina, proibiram com uma lei que alguém propusesse de novo, por escrito ou de viva voz, que a cidade reivindicasse Salamina, sob pena de morte. Então Sólon, sem poder suportar a vergonha e ao ver que muitos jovens apenas aguardavam um sinal para recomeçar a guerra, mas sem se atreverem a tomar a iniciativa por causa da lei, fingiu que tinha perdido a razão, e espalhou-se pela cidade, a partir de sua casa, o rumor de que andava fora de si. Entretanto, compôs em segredo uma elegia, aprendeu-a de forma a recitá-la de memória e, de improviso, precipitou-se em direção à ágora, com um pequeno gorro na cabeça. Acorreu uma grande multidão; e ele, subindo à pedra dos arautos, entoou a elegia que começa desta forma:

«Eu mesmo vim, como arauto, da adorável Salamina,  
e compus um canto, adorno de palavras, em vez de um  
discurso.»<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Cf. WEST, M.L., *Iambi et elegi Graeci ante Alexandrum cantati*, vol. II (Oxford, 21992), onde estes dois versos são identificados com o frg. 1. Todos os fragmentos da poesia de Sólon serão citados por esta edição.

Um dos indicadores de que a disputa pela ilha de Salamina entre os habitantes de Mégara e os Atenenses conhecera várias fases encontra-se logo nas palavras iniciais (ἐπει δὲ μακρόν τινα καὶ δυσχερῆ πόλεμον); nesta altura, Atenas deveria encontrar-se na posição de perdedora, a julgar pela proibição de propor sequer, sob pena de morte, que se retomassem as hostilidades. A lei impedia qualquer proposta escrita ou oral (μήτε γράψαι τινὰ μήτ' εἰπεῖν), mas Sólon soube contornar a dificuldade, entoando uma elegia, em vez de um discurso (ὠιδὴν ἀντ' ἀγορῆς θέμενος). Apesar dessa habilidosa manobra, o futuro legislador jogou ainda com a imunidade do arauto (ἀναβάς ἐπὶ τὸν τοῦ κήρυκος λίθον) e a indulgência do louco (ἐσκήψατο μὲν ἔκστασιν τῶν λογισμῶν, παρακινητικῶς ἔχειν αὐτόν)<sup>27</sup>. Ao recitar um poema, Eumolpo corria o perigo de um acolhimento menos amistoso; Sólon, porém, enfrentava a ameaça de punição capital, o que era bem pior. Apesar disso, teve mais êxito que o Bom Cantor, porquanto soube tomar medidas preventivas e ainda porque contou com a anuência patriótica dos possíveis ouvintes, que não partilhavam a animadversão do público contemporâneo de Eumolpo.

Ao fazer a sua entrada no romance, Eumolpo apresenta-se como homem de letras e, por consequência, natural inimigo dos ricos. Já vimos como essa característica está de acordo com a dimensão ética do sábio. Nas prédicas morais, Eumolpo acentua esse fosso entre a virtude e a demanda da riqueza. Os senhores do dinheiro julgam que possuem o maior dos bens e, por essa razão, tentam corromper os intelectuais, *ut uideantur illi quoque infra pecuniam positi*<sup>28</sup>. E que muitos sucumbem à *pecuniae cupiditas* está a prová-lo a decadência das artes em geral, sobretudo a pintura. E, no seguimento, aponta o exemplo de alguns mestres de antanho, como Fídias, Míron, Apeles, entre outros, cuja dedicação todos agora trocavam de bom grado pelo ouro luzente<sup>29</sup>. Estas ideias

---

<sup>27</sup> O πιλίδιον que Sólon coloca pode associar-se quer à figura do arauto quer à do louco, como procuraremos mostrar noutro trabalho. A *mania* de Sólon é susceptível de se aliar ainda, como no caso de Eumolpo, ao processo de criação poética, embora enfrente algumas dificuldades, pois a noção do poeta que compõe num estado de êxtase não deve ter sido introduzida muito antes do séc. V a.C. (deriva provavelmente de Demócrito). É, por conseguinte, posterior a Sólon; no entanto, a ideia já estava bem estabelecida no tempo de Plutarco, o autor deste testemunho.

<sup>28</sup> *Sat.* 84.3: 'para que também estes pareçam estar submetidos à riqueza.' Cf. ainda 84.4: *nescio quo modo bonae mentis soror est paupertas*. 'Não sei por que motivo é a pobreza irmã da inteireza de ânimo.'

<sup>29</sup> Cf. *Sat.* 88.2-10.

são largamente tradicionais, e já Sólon, apesar de integrar certamente o grupo dos *Graeculi delirantes* desse passado de contornos lendários, fazia afirmações semelhantes às de Eumolpo. Também o poeta ateniense reflecte sobre a relação entre a riqueza e a *ἀρετή*, reconhecendo que a primeira nem sempre está distribuída de forma justa, ao mesmo tempo que afirma a sua preferência pela nobreza de carácter: *+πεὶ τὸ μὲν ἔμπεδον αἰεὶ, / χρήματα δ' ἀνθρώπων ἄλλοτε ἄλλος ἔχει*<sup>30</sup>. Naquele que é o seu poema mais extenso, o frg. 13W, mais conhecido por “Elegia às Musas”, Sólon pede às filhas de Zeus e de Mnemósine que lhe seja concedida felicidade (*δῖλον*) da parte dos deuses e que, perante os homens, tenha sempre boa fama (*δόξαν ἀγαθὴν*). Neste mesmo poema, Sólon reconhece ainda que a riqueza é altamente instável, aspecto que está de acordo com as posições que o legislador exprõe perante Cresos; no entanto, a riqueza não é em si maléfica, se, para a obter, houver respeito por um princípio fundamental:<sup>31</sup>

Χρήματα δ' ἰμείρω μὲν ἔχειν, ἀδίκως δὲ πεπᾶσθαι  
οὐκ ἐθέλω· πάντως ὕστερον ἦλθε δίκη.  
Πλοῦτον δ' ὄν μὲν δῶσι θεοί, παραγίγνεται ἀνδρὶ  
ἔμπεδος ἐκ νεάτου πυθμένος ἐς κορυφὴν·  
ὄν δ' ἄνδρες τιμῶσιν ὑφ' ὕβριος, οὐ κατὰ κόσμον  
ἔρχεται, ἀλλ' ἀδίκους ἔργμασι πειθόμενος  
οὐκ ἐθέλων ἔπεται, ταχέως δ' ἀναμίσγεται ἄτηι.

Riquezas desejo possuir, mas adquiri-las injustamente  
não pretendo: inexorável a seguir vem a justiça.  
A fortuna que os deuses dão fica ao lado do homem,  
firme, desde as fundações à cumeeira.  
Porém a que os homens honram, com insolência, a ordem devida  
não segue, mas, levada por ímpias acções,  
contrafeita vem atrás e, lesta, se lhe junta a perdição.

A riqueza é um bem legítimo, se forem os deuses a atribuí-la, o que garante, ao mesmo tempo, a sua conservação. Mas a que os homens geralmente

<sup>30</sup> Frg. 15W, vv. 3-4: ‘pois esta mantém-se firme, enquanto a riqueza ora a tem um homem, ora outro.’

<sup>31</sup> 13W, vv. 7-13.

prezam é conseguida pela insolência (ὕψ' ὑβριος) e pelo recurso à injustiça (ἀδίκους ἔργμασι). E assim, porque não respeita a ordem fixada pelos deuses, cedo atrai a perdição (ἄτην). Estas são as ideias básicas defendidas pelo Sólon dos poemas e, ao menos numa dimensão puramente teórica, Eumolpo mostra concordar inteiramente com essas posições. Para melhor podermos avaliar esta afirmação, vamos recordar alguns exemplos retirados do *Bellum ciuile*. Os primeiros sessenta versos do poema descrevem um quadro de corrupção e de decadência, onde todos, desde os simples particulares, aos militares e políticos, se movem na demanda de um único objectivo: *aurum*. Nele ocorrem precisamente as mesmas imagens que Sólon usa para ilustrar a sociedade presa da Δυσνομίη<sup>32</sup>, fatora de instabilidade social e da revolta civil (στάσις), que é o assunto principal do poema de Eumolpo. Depois de salientar que os Romanos já eram donos do mundo conhecido<sup>33</sup>, o poeta aponta a ânsia de riquezas, que deitará a perder esse domínio: *si quis sinus abditus ultra, / si qua foret tellus, fuluum quae mitteret aurum, / hostis erat, fatisque in tristia bella paratis / quaerebantur opes*<sup>34</sup>. Os versos que se sucedem destinam-se, como acontece no poema de Sólon, a desenvolver esta premissa inicial. Os arranjos variados com que os homens procuram levar a cabo os seus injustos projectos encontram o estímulo de que necessitam no engenho espevitado pela própria saciedade<sup>35</sup>.

Se, por conseguinte, na sua poesia e tiradas moralizadoras, Eumolpo está de acordo com as linhas gerais do pensamento ético/político de Sólon, o mesmo não se poderá dizer da forma como actua. O Bom Cantor não possui riqueza e outro tanto se pode afirmar dos companheiros de jornada, o que começa por ir ao encontro do diagnóstico inicial feito à costumeira economia dos *scholastici*. Contudo, as múltiplas aventuras em que se vêem envolvidos são, a maior parte das vezes, resultado de expedientes pouco edificantes. Os parcos haveres com que tentam a sorte em Crotona constituem, afinal, o que resta do

<sup>32</sup> Cf. frg. 4W, vv. 5-29.

<sup>33</sup> Da mesma forma que Sólon acredita na perenidade e grandeza da sua pólis, invocando a directa protecção de Atena (frg. 4W, vv. 1-4).

<sup>34</sup> Vv. 4-7: 'se alguma baía escondida lá longe, / se alguma terra houvesse que o fulvo ouro pudesse exportar, / inimiga se volvia e, aparelhados os destinos para a cruel guerra, / reclamavam-se as riquezas.' Em Sólon, frg. 4W, vv. 5-8, a situação é semelhante. Dominados pelos desvarios (ἀφραδίησις) e pela cupidez (χρημασι), características salientes de um espírito injusto (ἀδικος νόος), também os seus concidadãos se orientam no sentido de padecer graves aflições (ἄλγεα πολλά παθεῖν).

<sup>35</sup> V. 33: *Ingeniosa gula est*, que, no poema de Sólon, corresponde às diligências constantes para contentar o κόρος.

assalto feito à *uilla* de Licurgo, na parte perdida do romance<sup>36</sup>. E se, naquela cidade, vão usufruir de uma abundância inusitada de dinheiro e influências, tal situação ficará a dever-se ao falacioso plano arquitetado antes de entrarem na urbe. Eumolpo reveste, portanto, os traços paródicos de um sábio de movediças convicções, todas as vezes que deixa o domínio imaterial das teorias para se confrontar com os problemas levantados pela realidade.

Sólon, ainda no frg. 4W, informa-nos de que a sua poesia, que vive de profundas ligações com o exercício da política, segue um objectivo essencialmente didáctico: ταῦτα διδάξαι θυμὸς Ἀθηναίους με κελεύει<sup>37</sup>. Podem encontrar-se indícios para a identificação do estatuto de Eumolpo com a nobre posição de pedagogo quer no poema acerca da guerra civil, quer nas considerações sobre a causa da decadência das artes. No entanto, para que não subsistissem dúvidas, ele mesmo o afirma repetidamente. Di-lo a Gíton, para martírio de Encólpio, que, com razão, suspeita de segundos interesses daquela pródiga bondade<sup>38</sup>. De resto, tinha sido já com essa pretensa função que Eumolpo assumira o papel de protagonista na história do Menino de Pérgamo, de que iremos, em seguida, recordar alguns pormenores (85.1-2):

*In Asiam cum a quaestore essem stipendio eductus, hospitium Pergami accepi. Vbi cum libenter habitarem non solum propter cultum aedicularum, sed etiam propter hospitis formosissimum filium, excogitavi rationem, qua non essem patri familiae suspectus amator. Quotiescumque enim in conuiuio de usu formosorum mentio facta est, tam uehementer excandui, tam seuera tristitia uiolari aures meas obsceno sermone nolui, ut me mater praecipue tamquam unum ex philosophis intueretur. Iam ego coeperam ephebum in gymnasium deducere, ego studia eius ordinare, ego docere ac praecipere, ne quis praedator corporis admitteretur in domum.*

<sup>36</sup> Sat. 117.3.

<sup>37</sup> V. 30: 'Dita-me o coração que ensine aos Atenienses estes princípios.'

<sup>38</sup> Sat. 94.2: *Ego paedagogus et custos etiam quo non iusseris sequar.* 'Eu seguir-te-ei, enquanto mestre e protector, mesmo onde mo não ordenes.' Cf. as palavras com que lhe replica Encólpio, daí a pouco, reveladoras de um azedume mal contido (94.5): *et ego iracundus sum et tu libidinosus.* 'é que eu sou tão propenso à ira como tu à lascívia'.

Quando fui para a província da Ásia, em serviço militar, ao mando de um questor, recebi hospedagem em Pérgamo. Ali residia eu de bom grado, não só pela comodidade da casita, mas também por causa do filho do hóspede — uma verdadeira estampa! Tratei logo de magiciar numa estrangeirinha, com que me não tornasse suspeito, ao dono da casa, de andar caído de amores. Ora sempre que, à refeição, se mencionava a paixão dedicada a belos jovens, com tamanha veemência me exaltava, com tão carrancuda aspereza me negava a profanar os ouvidos com tema assim indecoroso, que a mãe, em especial, me contemplava como a um dos filósofos. Já eu começara a acompanhar o rapaz ao ginásio, já eu organizava os seus estudos, já eu lhe dava aulas e fazia recomendações, não fosse algum saqueador de corpos admitido em casa.

A colocação da narrativa em Pérgamo, cidade da Ásia Menor, visa, antes de mais, fazer uso do horizonte de expectativas que, para os Gregos como para os Romanos, toda essa região evocava<sup>39</sup>. Ao Oriente Próximo estavam ligadas ideias de opulência e refinamento de que já encontramos exemplos entre a literatura grega nas frequentes alusões à proverbial riqueza de Cresos e, antes dele, à de Giges, iniciador da dinastia dos Mermnadas. E cedo se tornou tradição que figuras históricas e lendárias fizessem visitas a essas paragens, quer para sua própria formação, quer para dar ensejo a diálogos famosos, por exemplo entre Gregos e Bárbaros, plenos, quase sempre, de pormenores fantasiosos. Ao narrar uma aventura por essas paragens, Eumolpo está a reforçar a sua faceta de sábio, que partilha com Sólon. De facto, as fontes principais são unânimes em referir uma *ἀποδημία* decenal, feita a seguir à legislação. Outras acrescentam também uma viagem na juventude, para atender a fins comerciais<sup>40</sup>. Além do encontro com Cresos, teria, entre outras visitas, estanciado junto do rei Âmasis

---

<sup>39</sup> O reino de Pérgamo transformou-se, c. 200 a.C., no primeiro aliado dos Romanos na Ásia, passando a fazer parte do império em 133 a.C., altura em que Roma cria a província da Ásia. Apesar de Pérgamo representar, no *Satyricon*, de forma metonímica, o Oriente Próximo, esta cidade só ganha importância na Época Helenística, portanto num período posterior a Sólon. Cf. FERREIRA, José Ribeiro, *A Grécia antiga* (Lisboa, 1992) 218-219.

<sup>40</sup> Cf. Heródoto, 1.29-30; Aristóteles, *Ath.* 11.1; Plutarco, *Sol.* 2 e 25-26. Diógenes Laércio, 1.50, coloca as viagens de Sólon a seguir à instalação da tirania dos Pisístratos, leitura que não deve ter valor histórico.



e, ainda no Egípto, trocado impressões com os sacerdotes, junto dos quais aprendera o mito da Atlântida<sup>41</sup>.

Por outro lado, as diligências de Eumolpo para com o filho dos seus anfitriões e o bem conhecido desenvolvimento posterior da história parodiam a clássica relação entre mestre e aluno, que encontra um paralelo, já tratado por outros estudiosos, em Sócrates e Alcibíades. Contudo, a degradação da figura modelar de Sólon também nos parece verosímil. De facto, são-lhe atribuídas leis respeitantes ao controlo do *παῖς +λεῦθερος*, que regulamentavam a hora a que deveria ir para a escola ou ginásio e deles regressar, os magistrados responsáveis pelo seu comportamento, pormenores relativos aos jogos, aos estudos e às pessoas que os deveriam orientar<sup>42</sup>. Eumolpo encarregou-se de assumir todas essas funções (*ego coeperam ephebum in gymnasium deducere, ego studia eius ordinare, ego docere ac praecipere*), pois encontrava-se investido de um estatuto especial, sobretudo aos olhos da mãe, por natureza mais zelosa do bem-estar dos filhos (*ut me mater praecipue tamquam unum ex philosophis intueretur*). É claro que todas estas diligências visavam apenas impedir que outro *praedator corporis*, que não fosse ele próprio, se aproximasse do menino.

Num autor que viveu não muito depois de Petrónio e que com ele partilha naturais ligações, pois escreveu o único romance latino que chegou até nós completo, encontramos um comentário curioso para a ponderação do problema em análise. Falamos de um passo de Apuleio:<sup>43</sup>

*Num igitur etiam Solonem fuisse serium uirum et philosophum negabis, cuius ille lasciuius uorsus est: «μηρῶν ἰμεῖρων καὶ γλυκεροῦ στόματος»?*<sup>44</sup>

<sup>41</sup> Qualquer uma destas tradições levanta problemas exegéticos complexos, que não podemos analisar aqui com a profundidade necessária. Introdução a esta matéria em FREEMAN, Kathleen, *The work and life of Solon* (1926, reimp. New York, 1976)179-203; MASARACCHIA, Agostino, *Solone* (Firenze, 1958) 1-78.

<sup>42</sup> Cf. Ésquines, 1.6; Dionísio de Halicarnasso, 2.26.2-4; Diógenes Laércio, 1.55. Vide ainda MARTINA (1968) testemunhos 449-453.

<sup>43</sup> *Ap.*, 9. Está identificado com o testemunho 724, na recolha de MARTINA (1968), cujo texto se utiliza.

<sup>44</sup> Identificado com o segundo verso do frg. 25W. O v. 1 diz: 'Ἐσθ' ἴβης +ρατοῖσιν +π' ἀνθεσι παιδοφιλήσῃ. 'Quando, na amaviosa flor da juventude, um jovem amar.'

Não chegarás ao ponto de negar que Sólon fosse um homem sério e filósofo, só porque é autor daquele verso pleno de lascívia: «seus membros desejando e o mel da boca.»?

Se Apuleio não desconsidera a virtude de Sólon, apesar de certos temas mais ousados da sua poesia (e ainda assim pouco representativos do pensamento do legislador), o mesmo não se poderá dizer de Eumolpo. Valendo-se de uma convivência estudada, conseguida inicialmente pela promessa do *uoluptatis pretium*, Eumolpo foi desfrutando dos tenros favores do *puer*, até que, por faltar ao pagamento tacitamente acordado, se interrompeu a ligação. Eumolpo não desistiu, voltou à carga poucos dias depois, e facilmente venceu a falsa relutância do *puer*. Petrónio encontrou para esta *fabula Milesia* o melhor dos finais, ao colocar, como significativo *ἀπροσδόκητον*, nos lábios de um Eumolpo exaurido pela fogosidade do jovem, a repetição da ameaça inicial do garoto: *aut dormi, aut ego iam patri dicam*<sup>45</sup>.

Além de este episódio parodiar a figura do sábio e a poesia de Sólon, nos termos já sugeridos, ainda explora outros aspectos ligados ao legislador. De facto, são vários os autores que apontam uma relação de carácter amoroso entre Sólon e Pisístrato, o introdutor da tirania em Atenas. Plutarco exprõe-na desta forma: καὶ φιλία τὸ πρῶτον ἦν αὐτοῖς πολλή μὲν διὰ τὴν συγγένειαν, πολλή δὲ διὰ τὴν εὐφυῖαν καὶ ὄραν, ὡς ἔνιοί φασιν ἐρωτικῶς τὸν Πεισίστρατον ἀσπαζομένου τοῦ Σόλωνος<sup>46</sup>. Por fim, a aventura de Eumolpo em Pérgamo liga-se a Sólon ainda por outra via. Depois de o Bom Cantor ter jogado com a ambiguidade da sua posição, abusando da confiança dos anfitriões, procura valer-se, no final do relato, de um dos princípios fundamentais que ligavam Sólon à moralidade délfica. De facto, estariam inscritas no átrio do

<sup>45</sup> *Sat.* 87.10: ‘ou te pões a dormir ou vou já contar ao pai.’

<sup>46</sup> *Sol.* 1.4: ‘E, de início, houve entre ambos uma grande amizade, fosse pelo parentesco, fosse pela beleza e juventude de Pisístrato, pois, como afirmam alguns, Sólon teve com ele uma relação amorosa.’ Deve tratar-se de invenção posterior, com o objectivo de aproximar estes dois homens, cuja actuação política era muito diferente, já que Sólon era declaradamente contra a tirania, que ele próprio havia repudiado quando lha ofereceram. Durante o seu governo, Pisístrato manteve em funcionamento grande parte da legislação de Sólon, um pragmatismo político que autores como Plutarco tendem a justificar pela grata memória dessa antiga ligação amorosa entre mestre e discípulo (cf. *Sol.* 1.5: τὴν ἐρωτικὴν μνήμην καὶ χάριν). O mesmo polígrafo recorda que Sólon considerava respeitável esse tipo de amores pederásticos (usuais na altura), razão pela qual promulgara uma lei que impedia os escravos de frequentar as palestras, a fim de que os jovens de boas famílias não fossem atraídos a amores indignos da sua posição (*Sol.* 1.6). Cf. MARTINA (1968) testemunho 464.

templo de Apolo várias sentenças famosas, atribuídas ao grupo dos Sete Sábios<sup>47</sup>. A Sólon adjudicava-se o proverbial μηδὲν ἄγαν ('nada em excesso')<sup>48</sup>. Já vimos de que forma o falso protector reagiu à insaciedade do *puer*, alimentada pela fogosidade juvenil e pela função passiva que desempenhava no jogo amoroso. A retoma da ameaça, com que o rapaz ia disfarçando as reais intenções, assume contornos de um protesto contra tamanha impertinência. Dessa forma, Eumolpo reveste, por fim, embora com seriedade algo burlesca, o papel de sábio formador de que tanto se arrogara, ao sugerir, implicitamente, o alto valor da moderação.

O episódio de Filomela pode ainda ser integrado no domínio das pretensões do Bom Cantor a conselheiro experimentado. O caso dá-se já em Crotona, numa altura em que Eumolpo se fazia passar por velho rico, sem herdeiros. Era essa, de resto, a fórmula ideal para garantir – naquela terra de esbulho – apreço e consideração. Recordemos um dos momentos em que o processo é actuado (140.1-2):

*Matrona inter primas honesta, Philomela nomine, quae multas saepe hereditates officio aetatis extorserat, tum anus et floris extincti, filium filiamque ingerebat orbis senibus, et per hanc successionem artem suam perseuerabat extendere. Ea ergo ad Eumolpum uenit et commendare liberos suos eius prudentiae bonitatisque ... credere se et uota sua. Illum esse solum in toto orbe terrarum, qui praeceptis etiam salubribus instruere iuuenes quotidie posset.*

Certa dama, das mais virtuosas, chamada Filomela, que muitas heranças frequentemente extorquiria valendo-se da juventude, agora, que estava entradota e de flor ressequida, impingia o filho e a filha aos velhos sem herdeiros. E, através desta sucessão, lá continuava a propagar a sua arte. Ela, por conseguinte, veio ter com Eumolpo, <e afirmou> que confiava os filhos à sua sabedoria e bondade e que a si própria se depunha e às suas esperanças <nas mãos do velho>. Era ele o único, à face da terra, capaz de formar aqueles jovens, dia após dia, com salutares conselhos.

<sup>47</sup> Cf. Platão, *Chrm.*, 164d-165a, e Pausânias, 10.24.1.

<sup>48</sup> Vide Diógenes Laércio, 1.63.

Aquí, como acontecera já no *uoluptatis pretium* negociado com o *puer* da história anterior, existe um acordo tácito, que levava o rapaz a fingir que dormia e, agora, faz com que Filomela enalteça as elevadas qualidades morais de Eumolpo (*eius prudentiae bonitatie, praeceptis etiam salubribus*). Portanto, em teoria, o velho assume de novo os traços do sábio (*illum esse solum in toto orbe terrarum*) e Filomela dá a aparência de acreditar piamente nele (*credere se et uota sua*)<sup>49</sup>. Desta vez, a parada em troca dos favores amorosos subiu bastante, pois requer, implicitamente, uma cláusula testamentária que garanta um quinhão na herança<sup>50</sup>. Uma vez mais, Eumolpo representa de forma burlesca a relação mestre-discípulo, com a única diferença de, agora, todos saberem, à partida, quais eram os termos da ligação. No entanto, o passo permite vislumbrar um outro aspecto que poderá ligar-se à νομοθεσία de Sólon. Na verdade, Sólon implementou algumas normas que visavam estimular o desenvolvimento do comércio e da indústria, bem como atrair artesãos a território ático. Por vezes, o legislador chegava a reforçar esse propósito com medidas de carácter coercivo. Uma das mais curiosas diz respeito à obrigação moral que os filhos tinham de, na velhice, tomar conta dos pais. Recordemos a forma interessante como Sólon articulou esse princípio ético com as necessidades da pólis: καὶ νόμον ἔγραψεν, οἷοι τρέφειν πατέρα μὴ διδασκόμενον τέχνην ἐπάναγκες μὴ εἶναι<sup>51</sup>. Transpondo esta medida para o caso em análise, vemos que Filomela parece estar bem integrada no espírito da lei: em primeiro lugar, zela pelos interesses de uma cidade que sobrevive à custa deste jogo múltiplo de heterofagia (*quae multas saepe hereditates officio aetatis extorserat*); depois, prepara o futuro dos filhos (*filium filiamque ingerebat orbis senibus*), obedecendo à necessidade de lhes ensinar um ofício que garanta a sua própria sobrevivência (*per hanc successionem artem suam perseuerabat extendere*), agora que já não tem meios para continuar a exercer a profissão (*tum anus et floris extincti*).

---

<sup>49</sup> Há que registar uma importante diferença em relação à aventura de Pérgamo. A mãe do *puer* julgava, de facto, que Eumolpo era uma pessoa respeitável; com Filomela, o engano é mútuo e ambos estão conscientes disso, se bem que Eumolpo, uma vez mais, esteja em vantagem, pois só ele (e os companheiros) sabem que a riqueza apregoada é pura invenção.

<sup>50</sup> Está impregnada de indisfarçável ironia a forma como, na continuação do discurso encomiástico proferido por Filomela, a velha alcoviteira louva o conselho de Eumolpo (140.3): *quae sola possit hereditas iuuenibus dari* ('a única herança que aos jovens se poderia legar').

<sup>51</sup> Plutarco, *Sol.* 22.1: 'e determinou, por lei, que não era obrigação do filho alimentar um pai que lhe não tivesse ensinado um ofício'. Cf. também MARTINA (1968) testemunhos 454-456.

Ainda no domínio da acção legislativa de Sólon, podemos alinhar o facto de ele ter procurado conter a vagabundagem e os meios ilícitos de adquirir riqueza. Essa medida costuma ser designada por νόμος ἀργίας. Segundo Heródoto<sup>52</sup>, Sólon haurira o espírito desta lei a partir de outra semelhante que encontrara no Egito, criada por Âmasis. A informação é bastante discutível e não deve estar correcta nos termos em que o historiador a apresenta<sup>53</sup>. Parece mais defensável a explicação de Plutarco, segundo a qual<sup>54</sup> Drácon seria o criador da pena de morte para a ἀργία, mas que Sólon, conforme acontecera noutros casos, teria suavizado essa lei: ταῖς τέχναις ἀξίωμα περιέθηκε, καὶ τὴν ἐξ Ἀρείου πάγου βουλὴν ἔταξεν ἐπισκοπεῖν ὅθεν ἕκαστος ἔχει τὰ ἐπιτήδεια, καὶ τοὺς ἀργοὺς κολάζειν<sup>55</sup>. Ora, aplicada ao universo do romance, esta medida encontraria os primeiros culpados logo no grupo dos *scholastici*. É o próprio Encólpio quem, repetidamente, admite essa realidade. Antes de mais, nos desabafos proferidos quando Gíton abandonou a sua amizade em favor da companhia de Ascilto<sup>56</sup>. O outro comentário ocorre no espaço de Crotona, numa altura em que Eumolpo ocupara, havia já algum tempo, o lugar de Ascilto no triângulo amoroso e, depois do naufrágio da nau de Licas, resolvera aproveitar a oportunidade oferecida pela singular situação que se vivia na urbe dos *heredipetae*. Na verdade, é o caricato sapiente quem vai atrair os companheiros de aventura a um plano, onde pretende usar a sua experiência para fazer-se passar por um ancião rico e sem família, de forma a colher as prodigalidades dos *captatores*<sup>57</sup>. O estratagema parecia resultar com total sucesso, de forma que Eumolpo, esquecido da miséria anterior, se jactava do poder e influência de que agora dispunha. Encólpio/Polieno, que entretanto

<sup>52</sup> 2.177.2; esta versão encontra eco em Diodoro, 1.77.5.

<sup>53</sup> Introdução a este problema em FREEMAN (1926), 135-137, e MARKIANOS, Sophocles S., "The chronology of the Herodotean Solon", *Historia* 23 (1974) 1-20, esp. 7-8.

<sup>54</sup> *Sol.* 17.1-2.

<sup>55</sup> *Sol.* 22.3: 'conferiu dignidade aos mesteres e atribuiu ao conselho do Areópago a tarefa de vigiar a forma como cada um obtinha os meios de subsistência e ainda de punir os indolentes.' Porém, mais adiante (31.5), o mesmo Plutarco informa que Teofrasto atribuía o νόμος ἀργίας a Pisístrato, cujo governo também foi marcado por um investimento na produção (Aristóteles, *Ath.* 16). Diógenes Laércio (1.55) começa por atribuir essa lei a Sólon, mas regista que Lísias a fazia depender de Drácon.

<sup>56</sup> *Sat.* 81.3-5. O desabafo revela pormenores pouco edificantes que abarcam a experiência anterior dos três jovens.

<sup>57</sup> *Sat.* 117.1-10.

havia engordado (sinal palpável da crescente prosperidade), alimentava, porém, certas reservas:<sup>58</sup>

«*Quid,*» — *aiebam* — «*si callidus captator exploratorem in Africam miserit mendaciumque deprehenderit nostrum? Quid, si etiam mercennarius praesenti felicitate lassus indicium ad amicos detulerit totamque fallaciam inuidiosa prodicione detexerit? Nempe rursus fugiendum erit et tandem expugnata paupertas noua mendicitate reuocanda. Dii deaque, quam male est extra legem uiuentibus: quicquid meruerunt, semper expectant.*»

«E que sucederá,» — comentava cá para mim — «caso um dos caçadores de heranças, por manhã, se lembre de enviar um espião a África e se aperceba da nossa trapaça? E caso, ainda, o criado,<sup>59</sup> aborrecido com a presente abundância, delate alguma coisa aos amigos e, com essa invejosa traição, ponha a descoberto todo o esquema? A solução seria andar outra vez em fuga e a pobreza que, finalmente, havíamos espantado, reinstalar com novas mendicâncias. Oh deuses e deusas, quantos sustos para quem vive à margem da lei: a punição devida estar a cada instante à sua espera!»

Encólpio é, por natureza, um homem receoso do futuro, embora não seja improvável que, neste momento, a *Fortuna* estivesse a ponto de desferir mais um dos seus golpes<sup>60</sup>. Se tais mudanças imprevistas já são, por capricho divino, frequentes, mais prováveis se tornam nos erros dos que, como eles, atalham por invios caminhos, alheios à legalidade (*quam male est extra legem uiuentibus*). Ao reconhecer esse perigo redobrado, o jovem admite, também, a justiça do castigo (*quicquid meruerunt, semper expectant*).

Na viragem do séc. VII para o séc. VI a.C., Atenas foi caracterizada por um período de grande agitação política e social (στράσις), que encontrava expressão nas ferozes disputas entre os aristocratas e o *demos*. A eleição de

<sup>58</sup> *Sat.* 125.3-4.

<sup>59</sup> Sobre esta possibilidade, vide MARTINI, Remo, “*Corax mercennarius Eumolpi*”, *Labeo* 7 (1961) 341-348; LABATE, Mario “Di nuovo sulla poetica dei nomi in Petronio: Corax ‘il delatore’?”, *MD* 16 (1986) 135-146.

<sup>60</sup> Cf. *Sat.* 141.1.

Sólón para o arcontado correspondeu a uma tentativa de pôr cobro a essas rivalidades. Para usarmos o termo de Aristóteles, o futuro estadista atingia o cargo na função de árbitro ou moderador do conflito (διαλλακτής)<sup>61</sup>. Sólón procurará combater, com a sua acção legislativa, o descontentamento generalizado, se bem que, terminada esta, sobreviessem ressentimentos de ambos os lados, uns porque se fora longe de mais, outros porque se ficara aquém das expectativas<sup>62</sup>. Mas Sólón, nos poemas, afirma com frequência a sua posição imparcial e o desejo de atender à dignidade de todos. Uma das imagens mais elucidativas dessa busca do equilíbrio encontra-se no frg. 5W: ἔστην δ' ἀμφιβαλὼν κρατερόν σάκος ἀμφοτέροισι, / νικᾶν δ' οὐκ εἶασ' οὐδετέρους ἀδίκως<sup>63</sup>.

Ora, como é sabido, um dos processos estilísticos mais antigos e que mais fortuna conheceu para designar os perigos a que está sujeita a comunidade política corresponde à alegoria da nau do estado. Embora, no episódio do *Satyricon* a que vamos aludir, não se faça referência directa a essa metáfora náutica, a verdade é que a desavença criada no barco de Licas, pela descoberta de Encólpio e Gíton entre os viajantes, pode corresponder a um simulacro de guerra civil. De um lado, Eumolpo, Córax e os dois jovens; na outra facção, Licas e a exasperada Trifena. Os demais passageiros, hesitantes nos primeiros momentos, acabaram por se distribuir por ambas as partes, depois que foram proferidos alguns discursos inflamados. O embate começou e, com ele, apareciam as primeiras feridas, ligeiras: mas foi apenas a teatral ameaça de automutilação de Gíton que levou Trifena a conceder uma amnistia<sup>64</sup>. Estavam criadas as condições para o *dux Eumolpos* lavrar os termos da paz com que se obrigariam os beligerantes:<sup>65</sup>

<sup>61</sup> *Ath.* 5.2.

<sup>62</sup> Cf. Aristóteles, *Ath.* 11.2.

<sup>63</sup> Vv. 5-6: 'de pé fiquei, envolvendo em forte escudo a uns e outros; / prevalecer não deixei nenhum deles com injustiça.' Cf. ainda frg. 37W, vv. 9-10: ἐγὼ δὲ τούτων ὥσπερ ἐν μεταχιμαίοι / ὅρος κατέστην. 'eu, porém, no meio deles / qual marco me postei.'

<sup>64</sup> No meio dos ânimos exaltados, apenas o piloto (*gubernator*) mantinha algum bom-senso, instigando Trifena a celebrar as tréguas (108.12). Apesar desta nota positiva da parte do *governo* da nau, caberá a Eumolpo assumir a autoridade para celebrar o tratado de não-agressão.

<sup>65</sup> *Sat.* 109.2-3.

*«Ex tui animi sententia, ut tu, Tryphaena, neque iniuriam tibi factam a Gitone quereris, neque, si quid ante hunc diem factum est, obicies uindicabisue aut ullo alio genere persequendum curabis; ut tu nihil imperabis puero repugnanti, non amplexum, non osculum, non coitum uenere constrictum, nisi pro qua re praesentes numeraueris denarios centum. Item, Licha, ex tui animi sententia, ut tu Encolpion nec uerbo contumelioso insequeris nec uultu, neque quaeres ubi nocte dormiat, aut si quaesieris pro singulis iniuriis numerabis praesentes denarios ducentos.»*

Por tua honra e consciência, Trifena, não te queixarás da injúria que te fez Gíton nem, se alguma coisa se passou antes deste dia, a lançarás à cara nem procurarás vingança nem pedirás satisfações de qualquer outra forma; a nada obrigarás o miúdo contra sua vontade, nem abraços, nem beijos, nem relações forçadas pelo desejo; caso contrário, pela infracção terás de pagar cem denários em dinheiro. Da mesma forma, Licas, por tua honra e consciência, não perseguirás Encólpio, seja com palavras, seja com ares ofensivos, nem indagarás onde passa a noite; se o fizeres, por cada injúria pagarás duzentos denários em dinheiro.

O passo constitui, em primeiro lugar, uma versão burlesca do estilo próprio da linguagem jurídica e tratadística. Contudo, analisado à luz da acção legislativa de Sólon, revela maiores possibilidades paródicas. Eumolpo intervém num momento de agitação, procurando pôr cobro às hostilidades, através de um tratado que deveria obrigar ambas as partes em conflito. Todavia, o acordo aproxima-se mais de uma capitulação incondicional assinada por Trifena e Licas. O próprio texto sugere que as pessoas lesadas eram eles os dois (*iniuriam tibi factam a Gitone; si quid ante hunc diem factum est*); no entanto, as cláusulas restringem somente os movimentos do proprietário do barco e da mulher que o acompanha, sem preverem qualquer tipo de punição para os verdadeiros infractores, Gíton e Encólpio. Portanto, Eumolpo não pode afirmar, como Sólon, que procurou agir com imparcialidade. Finalmente, as limitações impostas pelo tratado são, em si mesmas, burlescas (*nihil imperabis puero repugnanti, non amplexum, non osculum, non coitum uenere constrictum; nec uerbo contumelioso insequeris nec uultu, neque quaeres ubi nocte dormiat*). Sugerem, por conseguinte, que o papel de διαλλακτής de Sólon, bem como a poderosa alegoria



da nau do estado, foram deslocados do seu elevado pedestal político, para serem esgrimidos apenas em efémeras querelas de amantes<sup>66</sup>.

A riqueza dos testemunhos ligados a Sólon permitiria reavaliar a acção de Eumolpo ainda sob várias outras perspectivas. A título de exemplo, adiantaremos apenas mais alguns aspectos susceptíveis dessa aproximação: as leis relativas ao comportamento das mulheres, sobretudo em funerais, e a história da Matrona de Éfeso; a *σεισάχθεια* e o facto de os companheiros livres de Eumolpo assumirem, inclusive por sugestão deste, a condição servil; a entrevista (pouco provável) de Sólon com Tales, sobre as vantagens e contingências de se casar e ter filhos, e o desgosto provocado pela morte forjada do filho de Eumolpo; o *οἰκισμός* de Solos e a “refundação” simbólica de Crotona em redor de Eumolpo. Contudo, não nos parece necessário continuar a abordagem em pormenor destes eventuais paralelismos. O estudo que propusemos tinha por objectivo demonstrar somente a possibilidade de uma leitura da personagem Eumolpo como degradação paródica de Sólon, suposição que nos parece viável. Devemos, porém, evitar o impulso do exagero, para o qual chamávamos a atenção nas páginas iniciais. Se esta interpretação se afigura verosímil, não esgota, de forma alguma, as hipóteses de análise fornecidas pela existência atribulada do Bom Cantor. Visa apenas ilustrar, uma vez mais, o engenho de Petrónio ao aproveitar a imagem amplamente difundida do sábio, utilizando-a na construção de uma personagem que, à parte esses lampejos tradicionais, pulsa com uma energia própria e intensa.

---

<sup>66</sup> Como diria o *gubernator* do navio (108.8), tudo se devia simplesmente à *rabies libidine perditorum collecta* (“raiva atizada pela luxúria de um bando de perdidos”).